

APRESENTAÇÃO

Ana Cristina Pelosi

Universidade Federal do Ceará – UFC – Fortaleza – Ceará – Brasil



O presente volume da revista Signo enfoca a metáfora e a metonímia sob múltiplos olhares. Dada à sua ubiquidade nas mais diferentes esferas da atividade humana, a metáfora, contrariando a visão clássica, tem em especial, desde o lançamento da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC) no livro *Metaphors we live by* de George Lakoff e Mark Johnson, publicado em 1980, alcançado o reconhecimento do seu verdadeiro status – o de instrumento de organização e compreensão da realidade e dos modos como esta se (re)constrói dinamicamente no âmbito das relações intra/intersubjetivas. Comungando desse olhar a respeito do papel da metáfora no âmbito biopsicossocial, histórico e cultural, é com prazer que publicamos este número da Signo com 15 trabalhos, selecionados dentre os 47 artigos submetidos à chamada, que, pela diversidade de perspectivas teóricas assumidas em torno da metáfora, ratificam sua natureza complexa e multifacetada. Para a apresentação dos artigos, mas, sem com isso implicar qualquer superioridade de uma área sobre a outra ou mesmo dicotomizações em termos absolutos dado o imbricamento inevitável das várias subáreas, utilizamos à moda “navalha de Occam”, a seguinte ordem temática de apresentação dos artigos: cognição-discurso, cognição-cultura, cognição-gramática, literatura e aplicações pedagógicas.

Dessa forma, o artigo que abre o presente número, intitulado *Figuratividade: o complexo elo entre as palavras e as coisas*, de Sousa e Costa, destaca, com base na Teoria Neural da Linguagem, evidências de estudos que apontam para uma visão integrada de linguagem e cognição, que reforçam o papel do corpo no delineamento de peculiaridades do sistema conceptual, o que aponta para a uma visão alternativa da explicação para o fenômeno da figuratividade. Sperandio, a seguir, pautada por autores como Goossens (2003), Barcelona (2003) e Radden (2003), defende a tese de que a metonímia está na base do processo metafórico, apontando para a possibilidade de toda metáfora ser motivada por um conjunto complexo de metonímias, que é parte tanto de seu domínio-fonte quanto de seu domínio-alvo. O terceiro artigo, *Da ‘metáfora ontológica’ à semiótica do faz de conta: dando forma e substância a objetos fictícios da concepção com o ‘gesto do globo’*, de Lapaire, assume uma perspectiva multimodal da linguagem

figurada e analisa o “gesto do globo”. Assim, por meio de pesquisa empírica envolvendo a interação discursiva e a atuação de gestos do “pensamento coreográfico” (FORSYTHE, 2013), evidencia o papel do corpo em atos de conceptualização. Finalizando a sequência de trabalhos na vertente cognição-discurso, o artigo de Bernardo, Velozo e Martins, destaca, com base em Lakoff (2002[1980]) e Kövecses (2010), metáforas do cotidiano, ao analisar expressões metafóricas ou potencialmente metafóricas encontradas no Banco de Dados Interacionais (RONCARATI, 1996), apontando para a recorrência de domínios fonte e alvo tais como PESSOA, EMOÇÃO, OBJETO, CORPO HUMANO, ECONOMIA e ANIMAL, o que corrobora a TMC e aponta para especificidades de contextos de uso de tais metáforas em discursos reais.

Sob a perspectiva cognitivo-cultural, Cavalcanti discorre sobre O cabra e a questão cultural nas metáforas animais. Comungando da visão de uma mente corpórea, mas, aberta a influências que incidem sobre a mente situada sociocultural e historicamente, a autora reflete sobre conhecimentos e normas culturais na formação de metáforas animais, em especial, na conceptualização de homem como cabra por parte de membros da comunidade Fortalezense. O sexto artigo de autoria de Padovani e Facundes, explora constrangimentos cognitivo-culturais ao descrever processos metafóricos e metonímicos subjacentes à variação lexical em Apurinã, língua indígena da família Aruák. Rocha e Feltes, na sequência, analisam a partir dos pressupostos da Linguística Cognitiva, o papel que metáforas e metonímias verbais e visuais, que incorporam fatores regionais, culturais e identitários presentes em campanhas de prevenção HIV/Aids, desempenham na produção de sentidos veiculados por tais campanhas.

Abrindo a sequência de artigos que enfocam processos cognitivo-gramaticais, o trabalho de Batoreo, com foco numa comparação entre línguas tipologicamente diferentes (i. e., Português e Polonês), analisa os chamados verbos AQUA-motion (verbos que, prototipicamente, designam movimento em água), apontando para usos metafóricos que se organizam em padrões de metaforização nas línguas analisadas. O nono artigo, de autoria de Carioca, com base em Hopper e Traugott (2003), Heine et al (1991), Sweetser (1991) e Lakoff e Johnson (1980), busca explicitar a motivação metafórica que influenciou o processo de gramaticalização do item evidencial “de acordo com” a partir de dados retirados do corpus de sua tese sobre a manifestação da evidencialidade em trabalhos acadêmicos de grau. A seguir, Figueredo-Gomes e Bertuleza, no artigo Metáfora e metonímia segundo a abordagem funcionalista: estudo da gramaticalização do “é que”, apresentam evidências de alguns resultados empíricos sobre o processo de gramaticalização do termo apontando para uma motivação de base semântico-pragmática da metáfora OBJETO/ESPAÇO > TEXTO, além de um mecanismo metonímico

do uso original é o que em é que. O trabalho A metonímia na interpretação de unidades lexicais neológicas, de Maronesi, analisa, a partir de uma coletânea de adjetivos e verbos neológicos da imprensa escrita brasileira, o papel da metonímia na interpretação de unidades lexicais neológicas formadas por sufixação, processo que associa o significado linguístico ao conhecimento extralinguístico. A vertente literária apresenta o trabalho de Guedelha que, a partir do conceito de metalinguagem de Jakobson e com base na teoria da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999), apresenta uma leitura das metáforas metalinguísticas de Euclides da Cunha a respeito de dois de seus livros – Os sertões e Um paraíso perdido. Aplicações pedagógicas da metáfora são enfocadas nos três artigos seguintes. Zanotto e Palma, no artigo intitulado O contexto e o conhecimento enciclopédico na construção de inferências metonímicas e metafóricas, analisam a partir das falas de participantes de grupos de leitores, como contextos evocados e conhecimentos ativados contribuem para a construção de inferências metonímicas e metafóricas para leituras possíveis de um texto. Paiva e Gomes, com base no conceito de metáfora e de esquemas imagéticos da Linguística Cognitiva, apresentam um estudo sobre histórias de aprendizagem de língua inglesa no qual destacam exemplos que apontam para a metáfora conceptual APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA É UMA VIAGEM. Segundo os autores, a maioria das metáforas utilizadas pelos alunos aponta para conceptualização do processo de aprendizagem como um percurso, embora algumas metáforas se refiram à origem e ao destino da viagem. Encerrando essa edição da revista, Santos e Silva analisa, com base em 64 narrativas, como a imagem do aluno é construída no discurso de aprendizes de inglês como língua adicional. Com base na TMC (LAKOFF; JOHNSON, 1980) e nos Esquemas Imagéticos (LAKOFF, 1987), a análise evidencia que o grupo se conceptualiza como trabalhadores, máquinas, contêineres e construtores, apontando para a necessidade de reflexões por parte de professores e pesquisadores sobre o processo de ensino e aprendizagem do inglês atualmente.

Aproveitamos este espaço para agradecer aos autores de todos os artigos submetidos à chamada para este número da revista Signo e aos pareceristas ad hoc que contribuíram com sua análise atenta para a seleção dos trabalhos aqui publicados.

Esperamos que a leitura dos artigos, por sua abrangência e multiplicidade de olhares sobre a metáfora e a metonímia, proporcione momentos de reflexões frutíferas a respeito do papel da linguagem figurada nos modos de compreensão da realidade.